

ENTREVISTA/ Caspar Weinberger

Economia - Brasil

“Economia brasileira está no caminho certo”

JULIANA SOFIA

Geraldo Magela

Defensor de um ritmo mais acelerado para as privatizações e contrário à idéia de que a desvalorização do Real em até 25% é um mal necessário, o ex-secretário de Defesa no governo Reagan e **chairman** da revista americana Forbes, Caspar Weinberger, acredita que a economia brasileira “está no caminho certo”. Em visita ao Brasil, na semana passada, ele conversou com o **Jornal de Brasília** e revelou sua preocupação com as eleições russas deste ano.

“Situações que tiveram um fim podem voltar à realidade e todos nós vamos ter de lidar com elas”, disse Weinberger. Na edição de julho da revista Forbes, que contará com um encarte sobre o Brasil, será dele o comentário especial do país que ele avalia ser injustamente desconhecido pelo povo norte-americano. Mas isto deve mudar. Afinal, analisa Weinberger: “Vivemos hoje uma época de economia global. Não podemos viver sozinhos”. Segundo ele o livre mercado norte-americano, assim como o Mercossul, são excelentes iniciativas e ele gostaria de ver o **free trade** norte-americano estendido ao Brasil, Chile, Argentina e Japão.

-Qual a visão que o senhor tem da atual situação econômica do Brasil?

-Primeiramente, é preciso dizer que muito progresso já foi feito. A inflação foi reduzida de altíssimos níveis para algo em torno de 12% ao ano, e talvez chegue a até menos. Isto já é uma grande realização. Houve um bom começo na questão das privatizações e as medidas do Governo para segurar gastos têm sido positivas. Houve este grande progresso, do meu ponto de vista, mas ainda existe um longo caminho a percorrer. O importante é que existe a vontade de se mudar. O Governo quer muito continuar com este processo, quer baixar os juros, quer diminuir os gastos, manter a inflação baixa, as dívidas baixas, a moeda estável. Isto é bastante positivo.

-O senhor faria alguma crítica à forma como a política econômica vem sendo conduzida pelo Governo?

-Eu particularmente não tenho nada a criticar, mas tenho lido na imprensa internacional muitas críticas. É fácil fazer isto. Eu posso criticar a economia norte-americana aqui, agora, por três horas seguidas. O que é importante, na minha opinião, é que o Brasil está na estrada certa. Pode-se dizer, entretanto, que as privatizações estão caminhando num ritmo muito lento. Mas eu diria basicamente que em democracia é preciso paciência. Eu me lembro perfeitamente dos dias em que o Brasil enfrentava uma inflação de 40% ao mês e no final do ano este índice alcançava mais de quatro dígitos ficando em torno de 4.000%, o que é praticamente impossível de se conviver.

-Como o Brasil de hoje, com inflação contida e moeda estável, é visto no mercado internacional?

-Ninguém questiona a forma como o capital estrangeiro está entrando no País. E existe muito capital externo entrando. Muitas indústrias automobilísticas, muitas corporações...E eu acho que todos vêm por causa dos recursos naturais e das políticas governamentais e até mesmo da mão-de-obra mais bem treinada do que em outros países. Os investidores sentem o clima de hospitalidade, apesar das altas taxas e impostos que têm de pagar aqui. E se eles se submetem a pagar estes altos impostos é porque encontram contrapartida nas vantagens que o País oferece.

-Os mercados setoriais como o Mercossul, a Comunidade Econômica Européia e o exemplo da América do Norte são uma realidade na economia mundial. Na sua opinião, qual é o futuro destes mercados?

O livre mercado norte-americano, assim como o Mercossul são excelentes iniciativas. Eu gostaria de ver um dia o free trade norte-americano estendido ao Brasil, ao Chile, Argentina, Japão. Porque quanto mais livres mercados forem criados, melhor para a economia mundial e sua globalização. Os mercados setoriais contribuem não só economicamente, mas tem influências na melhoria dos valores de uma sociedade, na diminuição da criminalidade. Muitos crimes e atividades terroristas, enfim, a violência surge de uma economia deficiente. Um país que reduz sua inflação e fortalece sua economia terá muito mais que apenas uma economia forte.



Weinberger acha que as privatizações estão muito lentas no Brasil

-Estamos caminhando, então, para a globalização da economia. Existe algo indo no sentido contrário a isto? O que pode emperrar este processo?

-Atualmente o que me preocupa são as eleições na Rússia, que podem ter um resultado negativo para todos nós. Situações que tiveram um fim podem voltar à realidade e todos nós vamos ter de lidar com elas. Eu realmente espero que isto não aconteça. Acho que existe uma chance para a paz no leste se as eleições correrem bem e tiverem um final satisfatório, com a eleição do partido que busca a paz, que é o partido do Governo. Estas eleições são muito importantes e por isso me preocupo. Mas quanto a problemas, como os que o Brasil está encontrando para reduzir suas dívidas são muito parecidos com os da Alemanha, Itália, Estados Unidos e França.

Você tem gastos com benefícios, pensões, programas de bem estar social muito elevados, o que é muito difícil de cumprir mas você tem de fazer. Na Alemanha, por exemplo, os trabalhadores ganham cerca de duas vezes mais que os demais trabalhadores da Europa por causa dos benefícios sociais. Na Itália, o país corre o risco de quebrar em função disso. Na França, as privatizações poderiam ser feitas em maior escala, mas a oposição da União é muito forte. Eles sabem que se muitas empresas estatais forem privatizadas diminuirá o número de empregos drasticamente no país. Isto porque existem muitos empregos supérfluos hoje em dia.

-E os altos índices de desemprego que o Brasil vem registrando desde a estabilização da moeda, como solucionar este problema?

O desemprego é uma coisa muito séria e difícil em todo lugar. As grandes empresas procuram ser cada vez mais eficientes e competitivas. Para isso elas reduzem seus empregados e usam máquinas no lugar. Indústrias automobilísticas que hoje estão vindo para o Brasil deveriam gerar milhares de empregos, mas existe o problema da robotização, porque é muito mais econômico e eficiente. Basicamente, a cura para o desemprego é o crescimento do País. Quanto mais um país cresce e derruba a inflação, mais empregos serão gerados e junto com isto mais treinamento de mão-de-obra, mais escolas e mais oportunidades.

-A economia melhorando, diminui o desemprego e diminuem os problemas sociais. As pessoas não geram problemas sociais porque querem, mas porque não têm mais nada a recorrer e nenhuma

ma esperança.

-A Business Week publicou recentemente que deve ocorrer uma desvalorização do Real em torno de 25%. O senhor acredita que isto possa vir a acontecer?

-Eu discordo disso totalmente. Desvalorizar a moeda não ajuda em nada. A desvalorização é tida como uma forma de ajudar as exportações e de ser um mecanismo aplicável a moedas supervalorizadas. Mas se observarmos o que aconteceu com o México... Lá tudo estava indo muito bem então houve a troca de presidentes. O novo presidente quis tentar algo diferente e desvalorizou intensamente a moeda, sem nenhuma razão verdadeira e sem nenhuma preparação.

“A cura para o desemprego está no crescimento do País”

“Eleições na Rússia podem ter resultado negativo para todos nós”